

Partidos definem táticas e candidatos no DF

Com um olho na campanha e outro nas convenções, são muitos os pretendentes aos palanques

A menos de seis meses das primeiras eleições legislativas do Distrito Federal, o confuso quadro político-partidário da cidade, povoado hoje por nada menos que 20 siglas, começa a se delinear. Vencidos os prazos de filiação partidária e de incompatibilização de candidatos, definida a permanência da sublegenda para o pleito ao Senado e regulamentada a coligação para as eleições proporcionais, partidos e candidatos a candidato trabalham com um olho na campanha e outro nas convenções que irão definir quem vai disputar no palanque, o voto do eleitor brasiliense.

Diante da necessidade de organização formal das agremiações e da inexistência de uma resolução específica por parte do Tribunal Su-

perior Eleitoral (TSE), nenhum partido do DF realizou convenções oficiais para a escolha de seus candidatos. A nível interno, no entanto, alguns partidos já têm essa definição. É o caso do PCB, por exemplo, que já se definiu pelo lançamento de quatro candidatos à Câmara. Ou mesmo o PMDB, que já optou por seis nomes para a disputa ao Senado. Ou ainda o PT, que numa pré-convenção realizada no último domingo definiu quais serão os seus candidatos às duas casas do Congresso.

Mas se em alguns partidos o número de postulantes a uma legenda para a disputa começa a diminuir em consequência de negociações internas, em outros as listas de pretensos candidatos são das mais extensas tanto para o Senado quanto para a Câmara. E se a disputa está difícil na Câmara, onde o número de legendas é maior, o mesmo se pode dizer do Senado.

Para se ter uma idéia, somente os cinco maiores partidos da cidade (PMDB, PDT, PFL, PT e PTB) têm hoje 24 candidatos a candidato. Nos partidos pequenos a situação se repete. Somente o PSB, possui atualmente sete nomes para a disputa ao Senado.

Como a sublegenda vai ser mantida nas próximas eleições, cada partido poderá lançar até nove nomes para a disputa das três vagas reservadas ao Senado. Por uma questão de estratégia ou princípio, a maioria dos partidos não pretende usar essa prerrogativa. O PMDB, por exemplo, já optou pelo lançamento de seis candidatos. O PT e o PDC pretendem apresentar apenas três. O PFL, o PSB e o PTB, entretanto, não definiram até agora qualquer tática, pois ainda estão negociando internamente.

Entre os pretensos candidatos, alguns tra-

ços são comuns. A maioria tem acima de 40 anos e mora há pelo menos 10 anos na cidade. Alguns chegaram a Brasília antes que ela fosse inaugurada. No discurso, basicamente os mesmos princípios: justiça social, com melhor distribuição de renda, democracia, direito do povo à alimentação, saúde, educação, habitação e emprego. Repetindo os políticos do resto do País ninguém se autodefine como de direita: no máximo como liberal ou centro-progressista. Mas há os que se intitulam de centro-esquerda, social-democratas, socialistas, marxistas ou comunistas.

Nesse campo se misturam empresários, professores, jornalistas, radialistas, sindicalistas, advogados, tecnocratas, médicos e até um militar, figuras com as quais o eleitor vai conviver cada vez mais daqui até o dia 15 de novembro.